

ANDRÉ LUIZ BERNARDES DE CARVALHO

“100 VÍRGULA ROCK!”: A HISTÓRIA DO ROCK NAS ONDAS DO RÁDIO

Viçosa - MG

Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

2018

ANDRÉ LUIZ BERNARDES DE CARVALHO

“100 VÍRGULA ROCK!”: A HISTÓRIA DO ROCK NAS ONDAS DO RÁDIO

Memorial apresentado ao Curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo, sob orientação da Professora Kátia de Lourdes Fraga

Viçosa – MG
Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV
2018



Universidade Federal de Viçosa
Departamento de Artes e Humanidades
Curso de Comunicação Social/Jornalismo

Memorial intitulado *100 VÍGULA ROCK!: A história de um gênero nas ondas do rádio*, de autoria da estudante Maria da Silva, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Profa. Dra. Kátia Fraga – Orientador
Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

Profa. Dra. Patrícia Vargas
Curso de História UFV

Prof. Mr. Felipe Lopes Menicucci
Diretor de programação Radio Universitária/TV Viçosa

Viçosa, novembro de 2018

AGRADECIMENTOS

Estou chegando ao final dessa caminhada, mas no meio desse caminho descobri que o homem forte que gozava de muito vigor e vida, o qual eu me orgulhava de chamar de pai, estava muito doente. Tal fato tornou minha jornada longe de casa uma caminhada muito pesada, que quase me fez desistir do jornalismo por inúmeras vezes. Pouco antes deste trabalho ser concretizado, fui noticiado de ele havia falecido em razão do câncer que o perseguiu por três longos anos. Esse trabalho é dedicado a memória dele, que fez o possível e o impossível para que eu continuasse minha caminhada, mesmo estando longe dele e de casa. Obrigado, Pai!

Obrigado mãe, você que de longe sempre me deu forças, para que eu não deixasse de cumprir esse desafio, ou “a peteca cair” como inúmeras vezes você disse ao telefone. Se tudo der certo logo mais iremos pegar esse diploma que não vai ser uma conquista só minha mas sua também

Nesta longa caminhada de cinco anos, muitas pessoas cumpriram o papel de família em minha vida, mas agradeço principalmente a Bianka, que foi meu amor e meu alicerce em meio a essa história, você é a pessoa com o coração mais puro que já tive o prazer de compartilhar momentos, obrigado por ajudar nas noites não dormidas e nos momentos de quase desistência.

Agradeço também ao quarteto, Guilherme, Tomás, Viktor e Luana que foram meus irmãos fora de casa.

Felipe e todo o quadro de funcionários da Fundação de Rádio e TV Educativa de Viçosa. Muito obrigado, com vocês aprendi muito sobre o fazer jornalístico e o desejo que eu tinha de me tornar um profissional das notícias, se transformou em uma paixão.

Por último e não menos importante muito obrigado Kátia, a reunião de orientação mais dinâmica de toda a Zona da Mata. Sempre dando o puxão de orelha pontual para que tudo saísse como planejado. Com sua alegria no coração você foi muito importante neste projeto, obrigado por acreditar que esse trabalho poderia sair do papel e que poderia funcionar.

“There’s something in the distance

A glorious existance

A simple celebration

A place you never been before”

Joy Ride - The Killers

RESUMO

O programa de rádio “*100 VÍRGULA ROCK!*” é um projeto experimental produzido como Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa. O programa foi produzido como uma proposta para integrar a grade de programação da Rádio Universitária FM 100,7. O “*100, ROCK!*” busca informar e entreter realizando um resgate histórico da trajetória do rock mundial e nacional. O programa-piloto desenvolvido neste trabalho, aborda a temática do rock nacional entre as décadas de 1950 a 1990. Além disso o presente memorial busca tratar do surgimento do gênero rock, sua evolução em território nacional e a inserção desse gênero no ambiente radiofônico brasileiro.

ABSTRACT

The radio program “*100 VÍRGULA ROCK!*” Is an experimental project produced as a Course Completion Work from the Social Communication Course - Journalism of the Federal University of Viçosa. The program was produced as a proposal to integrate the programming grid of Rádio Universitária FM 100, 7. The “*100, ROCK!*” Seeks to inform and entertain a historical rescue of the trajectory of world and national rock. The pilot program developed in this work deals with the theme of national rock from the 1950s to the 1990s. In addition, the present memorial seeks to address the emergence of the rock genre, its evolution in the national territory and the insertion of this genre into the Brazilian radio environment.

KEY-WORDS

Radio; Rock; Brasil; Universitária

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. REFERENCIAL TEÓRICO	11
2.1 O nascimento de um gênero e um breve histórico.....	11
2.2 O rock no Brasil	13
2.2.1 <i>A Jovem Guarda</i>	13
2.2.2 <i>Tropicália</i>	15
2.2.3 <i>Os anos80</i>	16
2.2.4 <i>Os anos 90 e o fim dos tempos dourados no rock brasileiro</i>	17
2.3 O rock nas rádios do Brasil.....	19
2.3.1 <i>Onde o rock entra nessa história</i>	20
3. RELATÓRIO TÉCNICO	25
3.1 Pré-produção	24
3.2 Produção	25
3.3 Pós-Produção	26
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	28
6. ANEXOS	31

1. INTRODUÇÃO

Delimitar um tema para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi uma tarefa difícil. Uma certeza era clara, falar sobre música, mais especificamente sobre o rock n' roll no rádio. Neste memorial do projeto experimental de conclusão de curso sobre a produção de um programa de rádio com este estilo musical, apresentamos questões históricas do rock e como ele foi inserido na mídia radiofônica. O rock sendo gênero musical, caminha lado a lado com o rádio. Mas as duas coisas não são necessariamente interdependentes, principalmente se analisarmos o atual cenário radiofônico brasileiro, onde as paradas das rádios são dominadas por outros gêneros como o funk e o sertanejo. Não que esses gêneros sejam ruins ou não devam receber o devido mérito por chegarem onde chegaram. Mas hoje no país, as rádios pouco executam o rock, um exemplo claro disso é a lista da consultoria Crowley de 2017¹. Nela, das 100 músicas mais tocadas nas rádios no último ano nenhuma banda de rock ou pop rock nacional ou internacional figurava entre elas. Esse declínio se deve muito a uma falta de organização no cenário e uma falta de investimento das gravadoras. Em entrevista ao jornal O Globo, Sérgio Affonso, diretor da Warner Music assume que apesar do declínio, existe uma demanda para que o gênero volte a figurar entre os mais tocados.

Num cenário justo, o Brasil deveria ter ao menos 20 bandas de rock entre as 100 mais tocadas. O resultado de 2014 chegou ao ápice do ruim. Há duas tentativas heroicas: a Rádio Cidade e a 89 FM (*de São Paulo*). As gravadoras precisam fazer a roda girar e buscar outros nichos. Mas sinto que estamos nos aproximando de uma mudança, porque o mercado é cíclico. [...] A única certeza que temos é que a internet é fundamental. Ela já saiu da obscuridade da pirataria para a absoluta relevância, talvez mais até que o disco físico, em muitos casos. É preciso que algum artista lidere um novo movimento. (AFFONSO, 2014, n.p.)

Um apaixonado pelo bom e velho rock se sente um pouco frustrado em meio a tanta coisa que não é seu estilo favorito tocando. Talvez seja saudosismo ou um certo medo da morte do gênero que ronda os corações dos roqueiros de plantão. Parafraseando (Santos Jr. & Colombo, 2013) talvez a canção “*Do you Remember Rock and Roll Radio?*”, lançada pelos Ramones em 1980 que em tradução livre seria algo como “*Você se lembra das Rádios de Rock?*”, traduza um pouco esse medo da morte que o rock sempre teve. Talvez essa canção fosse uma previsão não só do sentimento, mas da certeza que alguns pregam sobre a decadência do gênero. Mas mesmo com esse temor que persegue o rock ao longo de sua

¹ Disponível em: < <https://melhorsertanejo.com.br/crowley-divulgou-lista-com-100-musicas-mais-tocadas-no-brasil/>> Acessado em: 29, abr. 2018.

história, ele não morreu. Ainda que ele não frequente mais as paradas musicais brasileiras a demanda por rock existe. Novas bandas pipocam pela internet todos os dias e nos inúmeros festivais de música por todo o país, porém o gênero parece não conseguir fazer valer seu passado de glória em meio aos seus atuais concorrentes. A principal queixa por parte dos músicos é que não existe investimento e apoio por parte de quem faz a roda musical girar, Em entrevista ao jornal O Globo, Benke Ferraz, baterista da banda Boogarins, diz que parece existir um movimento involuntário que acaba prejudicando o gênero em meio a tantos estilos que fazem sucesso nas rádios.

Existe produção, existe público. Arte está sendo feita, rock está sendo feito. Mas não é onde o dinheiro está circulando agora. O rock morreu para a grande massa. As pessoas ainda estão presas às mesmas bandas dos anos 1980 e 90. Não é culpa do público, mas de quem divulga a arte. (FERRAZ, 2014, n.p.)

Essa falta de investimentos em novos artistas, de organização e outros aliados fazem com que o rock no Brasil, que em outros tempos fez tanto sucesso, fosse praticamente minado das paradas das rádios. Em entrevista ao jornal O Globo, Alexandre Hovorowski, diretor da Rádio Cidade, do Rio de Janeiro, tenta explicar o porquê dessa baixa nas execuções do gênero.

O rádio ainda é o grande veículo associado à música no mundo. Temos tentado mostrar trabalhos novos, mas bandas consagradas nunca agradaram tanto. Legião Urbana, Paralamas do Sucesso e Cazuza dominam boa parte da execução. É legal por um lado, mas problemático por outro, pois significa que a nova geração não está tendo vida fácil. Mas, assim que estourarem algumas, mudará tudo. O rock no Brasil passa por um momento de grande mudança. O “quase” fim das gravadoras, a falta de investimentos, a curadoria, o fato de ficarmos oito anos sem rádios dedicadas ao gênero (*no Rio*) foram pontos negativos e decisivos nessa queda. É a hora de reinventar. A internet chama a atenção, mas, se não houver consistência, vira mais um caso de 15 minutos de fama. No Brasil, o sertanejo vem dominando as paradas, pois é, sem dúvida, o braço musical mais organizado e com mais dinheiro hoje. (HOVORUSKI, 2014, n.p.)

Pensando nisso tudo veio a ideia: “porque não criar um programa de rádio e plantar uma semente para o renascimento do rock no ambiente radiofônico aqui em Viçosa onde cenário não é muito diferente do nacional?” Na cidade de Viçosa existem atualmente 5 rádios. A Rádio Melodia FM 87,9 possui programação voltada para música Gospel; A Rádio Viçosa FM 95,1 que tem programação de música variada e certo destaque para o sertanejo; A Rádio Q FM 97,9 que conta com programação variada, mas têm enfoque na música pop; Já a Rádio Universitária FM 100,7 tem uma programação que mescla os clássicos da música

mundial com as novidades e tendências do mercado musical. Temos também a rádio Montanhese FM 106,7 que também tem programação variada, com destaque para as músicas com apelo pop e o sertanejo. A Rádio Universitária FM 100,7 foi o ambiente mais propício para que o projeto fosse desenvolvido. A emissora faz parte da Fundação de Rádio e TV Educativa de Viçosa. Trabalhando na fundação há cerca de um ano como estagiário, pude perceber que a programação além de ser variada musicalmente, é um berço de clássicos e tem um perfil misto de estilos musicais. Além disso, rádio não está atrelada ao compromisso de tocar somente aquilo que é pop ou que está em alta nas paradas. Segundo o diretor de programação da rádio, Felipe Menicucci², os ouvintes da rádio buscam músicas que não são muito executadas em emissoras comerciais. Ainda segundo ele, a emissora possui forte presença nos locais de comércio da cidade. Os donos de lojas, cafés e restaurantes executam a Universitária FM 100,7 em seus estabelecimentos o que faz da rádio uma ótima vitrine. Para além desses motivos, a rádio se caracteriza como uma emissora educativa. Segundo Blois, (2003) uma das características de uma emissora educativa é que

(...) a emissora educativa tem como uma de suas funções a valorização e preservação da memória histórica e cultural da comunidade da qual é parte. A abertura de espaço em sua programação para expressões da cultura local, regional e nacional, além da divulgação do registro dos fatos e personagens de destaque ao longo do tempo, e de seus tipos anônimos característicos, faz-se indispensável, uma vez que não há a mínima possibilidade de inserção, nas emissoras comerciais e nas grandes redes de comunicação, desse tipo de registro. (BLOIS, 2003, p.10)

Como a intenção do trabalho é criar um programa de veiculação semanal no qual cada episódio vai mostrar uma parte diferente da história do rock. Segundo Ricardo Luis de Sousa Moreira (2015, p. 3) “Hoje quem ouve rádio no carro, no celular ou dispositivo móvel, por exemplo, busca entretenimento e informações direcionadas aos seus gostos pessoais enquanto se desloca.” Sendo assim a escolha da universitária se dá por conta do seu formato de veiculação de programas e músicas, com esse estilo mais direcionado para gostos específicos, assim o programa pode atingir e cativar quem liga o rádio para poder ouvir esse tipo de música e não o encontra em outros lugares e também para que integre a programação não apenas com música mas também informação. Para este trabalho foi desenvolvido um programa piloto com duração de uma hora, no qual o tema é o rock nacional, mais precisamente o período histórico entre as décadas de 1950 e 1990, um período onde o rock surgiu no país, teve sua ascensão e seu declínio.

² Entrevista concedida ao autor em 31 de Outubro de 2018.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O nascimento de um gênero e um breve histórico

O rock n' roll surgiu nos Estados Unidos, entre as décadas de 1940 e 1950. “*Rock and Roll*” era uma expressão negra da época e era usada em algumas músicas de *Blues* para nomear o ato sexual. Segundo Lucena (2001) apud. Santos Jr. e Colombo no início dos anos 50 alguns brancos munidos da energia dessa "música de negros", fundem os compassos do *rhythm and blues* ao *country*, a música rural do "branco pobre", e ao *western*, a música dos cowboys do Oeste. Aparece o rock'n'roll, uma mistura de alguns gêneros existentes na época de seu surgimento como o *Gospel*, o *Blues*, o *Folk*, o *Country* e o *Jazz*.

Segundo Farley (2004) a primeira gravação de rock teria sido feita em 1951, na cidade Memphis no estado do Tennessee. Ike Turner e sua banda, sob a alcunha de “Ike Turner & The Kings of Rhythm” gravaram “Rocket 88” no estúdio de Sam Phillips³. Porém Ike se tornou mais popular pelo seu relacionamento com Tina Turner do que por ter feito parte da primeira gravação de rock da história. O grande nome que ajudou na popularização do gênero foi Elvis Presley, com a canção “Thats All Right (Mama)” de 1954. Isso talvez tenha acontecido porque os membros da banda de Turner e outros percussores do gênero eram em grande parte negros e no começo da década de 1950 a medida de segregação racial⁴ que funcionava nos estados unidos acabava de ser derrubada. Um gênero que unia elementos do que era considerado música branca (*Folk e County*) e negra (*Gospel, Blues e Jazz*) até a época provocou uma reação negativa daqueles que não eram tão a favor de uma mistura étnica. Isso se comprova em uma declaração de Sam Phillips, feita antes de assinar um contrato com Elvis Presley.

Uma das contribuições mais significativas de Presley foi a seguinte: ele conseguiu causar mais impacto comercial no rock do que os artistas negros que foram pioneiros no campo. De fato, antes de assinar com Presley, Phillips famosamente declarou que "se eu pudesse encontrar um homem branco que tivesse o som do negro, eu poderia ganhar um bilhão de dólares". Ele encontrou Presley e o dinheiro se seguiu. (FARLEY 2004, n.p)

Embora Elvis Presley tenha ajudado muito na construção da popularidade do rock, com o seu som e comportamentos negros na pele de um branco, um outro fator muito importante nessa equação foi o rádio. Em sua essência o rádio está completamente ligado ao

³ Empresário famoso no mundo da música por ter revelado Elvis Presley.

⁴ “Separate but equal” doutrina jurídica da lei constitucional dos Estados Unidos que justificava e permitia segregação racial.

surgimento desse estilo musical. Além de ser um veículo bem popular na época, foi graças aos *disk jockers*⁵ das rádios americanas como Allan Freed, conhecido pelo apelido de “Moondog”⁶, que esse tipo de música entrava na programação das rádios e conquistava a audiência americana. A popularidade do rádio fez com que as informações e músicas do gênero veiculadas nele chegassem a basicamente qualquer um que tivesse acesso a esse veículo. Mesmo quando o rádio não era acessível a todas as camadas sociais, seu alcance fazia a diferença e o tornava um ambiente propício para que as gravadoras e os artistas independentes pudessem engatilhar carreiras de sucesso e mostrar sua música. Com isso as rádios se tornaram uma grande vitrine não só para o rock, mas para qualquer um que pensasse em se estabelecer musicalmente.

Com toda essa “ajuda” do rádio, na década seguinte ao seu surgimento, os anos 1960, o rock se estabeleceu e se tornou muito popular. Principalmente como um instrumento de protesto. Os movimentos *hippie*, o surgimento do *folk rock* e o rock psicodélico foram estilos que fizeram do rock um gênero que de certa forma transgredia aquilo que era natural na sociedade. Nessa mesma década o rock saiu dos Estados Unidos, cruzou os oceanos, e faria a cabeça do jovem na Inglaterra do pós guerra. Os jovens adolescentes proletários começaram a observar os “podres” da terra da rainha, as injustiças sociais, o excessivo conservadorismo e acharam na música a válvula de escape e o canal para suas reivindicações (LUCENA, 2001 apud SANTOS JR. e COLOMBO, 2013). Sendo assim fizeram da música uma maneira de protestar contra as dificuldades enfrentadas. Dessa mesma Inglaterra surgiriam duas grandes bandas que mudariam o panorama do gênero para sempre: Os Beatles e os Rolling Stones.

Na década de 1970 o rock perderia um pouco sua veia de protesto devido a alçada comercial que o gênero tomou, com grandes shows e produções. Se contrapondo a isso surge o punk, com um estilo mais simples nas produções e não ligado a grandes corporações o punk se tornou um estilo de vida dos jovens dessa época.

Os anos 70 veem, porém, o rock simples retornar do ostracismo. Em meio a pequenos bares e casas de show de cidades grandes americanas, como Detroit e Nova Iorque, surgia o movimento Punk Rock. O estilo era marcado pelo espírito “faça você mesmo” em oposição às grandes produções da época, por uma música simples e agressiva e por uma estética suja (GATTO, 2011). Uma música que faz sentido de novo para os jovens e suas experiências reais. Um retorno à estrutura básica do rock, mas agora com um som mais seco, mais percussivo, mais gritado que cantado (RODRIGUES, 2006). Dentre os principais expoentes do gênero,

⁵ Disc Jockers são os locutores que tocavam os antigos discos de gramofone e comandavam a programação das rádios. Hoje são conhecidos pela abreviatura DJ.

⁶ Credita-se a ele a primeira transmissão daquilo que se definiu como rock n’ roll em uma rádio. Ele também foi organizador do primeiro grande concerto do gênero.

destacam-se os Ramones e Iggy Pop e os Stooges nos EUA, e Sex Pistols e The Clash na Inglaterra. (SANTOS Jr. e COLOMBO, 2015, p. 4-5)

Na década de 1980 surgem os CDs e a MTV, isso cria um ambiente bastante comercial no mundo do rock, e sua origem nos protestos se perde mais um vez. Nos anos 1990 o rock alternativo ganhou uma nova cara. A variável *grunge* surge e com ela traz a carga de temáticas fortes, bem como observa os problemas da juventude no fim do século XX seria a última tentativa do rock de se manter como um ritmo de protesto. Desde então o rock se reinventa, nos dias atuais ele já não tem mais o status que possuía no século XX, porém é inegável sua importância histórica para algumas gerações.

2.2 O rock no Brasil

2.2.1 A Jovem Guarda

No Brasil, o rock surge na década de 1950 com algumas versões de músicas americanas, Nora Ney gravou *Ronda das Horas* versão de *rock Around The Clock* de Bill Haley & The Comets e Cely e Tony Campelo gravaram a música *Estúpido Cupido* uma versão de *Stupid Cupid* de Neil Sedaka. Essas músicas eram usadas como trilhas em alguns filmes, e apesar de conquistarem certo sucesso ficaram apenas com o título de percussoras desse estilo no país. Foi na década seguinte, os anos 60, que o rock começou a ganhar força no país com o movimento que ficaria conhecido como a Jovem Guarda. Artistas como Roberto Carlos, Erasmo Carlos e Wanderléa eram os grandes nomes desse movimento. A Jovem Guarda foi além da influência apenas musical na vida do jovem naquela época. O movimento influenciou a maneira de vestir e também o comportamento da juventude dos anos 60.

O programa *Jovem Guarda* logo explodiu como o maior fenômeno do consumo de massas no Brasil, tornando-se um movimento com o qual muitos jovens se identificaram. Por isso, por vezes, confundem-se o nome do programa, com o cenário extra televisivo que se formou e que também era designado por Jovem Guarda. (...) A agência de publicidade *Magaldi Maia & Prospero* tinha conseguido produzir um ídolo e transformá-lo em uma fonte de consumo. A figura de Roberto Carlos e dos outros apresentadores do programa *Jovem Guarda* foi associada a um estilo de se vestir que os fãs almejavam imitar. De acordo com Rui Martins (1966), valendo-se do sucesso da música *O Calhambeque* foi lançada uma marca homônima à canção oferecendo aos fãs: calças, saias, chapéus, cintos, botinhas, blusões de couro, entre outros produtos. (PAIXÃO, 2013, p. 4)

Essa geração e contou com muito outros nomes de peso como Renato e seus Blue Caps, Golden Boys, Jerry Adriani e Dick Danello, a grande maioria desses artistas tinha seu som inspirado nos Beatles que era a grande referência do rock na época. Além disso, tinha uma pegada dançante que vinha do gênero rockabilly. Além disso o Orgão Hammond⁷ dava um charme a mais nas composições que abordavam questões da juventude, como os amores e as desilusões.

Em suas letras, os cenários harmoniosos e as paixões adolescentes eram recorrentes no canto daqueles novos artistas. As situações cotidianas representadas por meio dessas canções eram geralmente dotadas de um clima descontraído e por situações de natureza cômica. A euforia de um beijo roubado, o passeio de carro pela cidade ou a ida ao cinema se tornavam pano de fundo de situações ficcionais que povoavam o imaginário dos fãs daqueles jovens ídolos. (SOUZA, 200-?)

A Jovem Guarda foi um movimento de bastante sucesso, mas apesar da ampla aceitação por parte da juventude foi também alvo de críticas duras. Para alguns cantores famosos da música popular brasileira na época, como por exemplo Elis Regina, a popularização do rock e o uso de temas como o romantismo nas composições eram vistos como uma certa falta de compromisso com os problemas vividos pelo Brasil na época. “A pessoas que eram contrárias a Jovem Guarda, popularmente conhecida como “iê, iê, iê”, estavam preocupadas em utilizar a arte como instrumento eficaz para se discutir os problemas vividos no país.” (SOUZA, 200-?). Muitas vezes, os membros da Jovem Guarda eram desvalorizados pelo tom “alienante” de suas canções.

Uma passeata saiu pelas ruas de São Paulo, pedindo o fim das guitarras elétricas na música brasileira. À frente, de braços dados, iam Gilberto Gil, Edu Lobo, MPB4 e Elis Regina. Os "alienígenas" tinham de ser combatidos. A música que faziam era qualificada de "lixo importado dos Estados Unidos", as letras eram "vazias" e a atitude, indesculpavelmente alienante. Como uma verdade encravada na história a golpes de marreta, tais acusações se cristalizaram por anos, até que os próprios artistas começaram a se defender, algo que nunca fizeram na época, e suas histórias passaram a ser reavaliadas. (MARIA, 2015)

Existia uma disputa entre aqueles que eram ou se consideravam mais “engajados” e os artistas que faziam parte da Jovem Guarda, tal disputa foi levada para a tela da televisão onde as duas correntes possuíam representantes. “O Fino da Bossa” rivalizava com o popular “Programa Jovem Guarda”, ambos exibidos pela mesma emissora a Rede Record.

⁷ O Órgão Hammond é um instrumento eletromecânico desenvolvido e construído por Laurens Hammond em torno de 1934.

2.2.2 Tropicália

Depois da revolução e divergência que a Jovem Guarda trouxe para o cenário musical nacional, surge uma nova variação de rock no país, a tropicália. O Gênero ficaria famoso principalmente pelas letras que continham críticas políticas e bastante experimentalismo. Os principais artistas desse movimento eram Caetano Veloso, Gilberto Gil, Tom Zé e os Mutantes. Situadas no contexto cruel da ditadura militar as composições criavam jogos de linguagem que se aproximavam da poesia. Além disso eram usadas codificações nas letras o que exigia de quem escutava uma bagagem cultural mais robusta para sua total compreensão.

[...] a criação artístico-cultural do período em questão estava fortemente marcada pela experimentação, pela contestação dos valores estabelecidos, pela busca de novas linguagens e novas formas de manifestação, seja nas artes plásticas, literatura, cinema, teatro, seja na música. O que importa salientar, por fim, é que certamente muitos caminhos estéticos hoje já sedimentados tiveram seus primeiros passos dados, e a duras penas, na década de 60, tendo em 68 seu momento se não o mais fértil, pelo menos o mais festejado. Essa articulação artístico-cultural buscava transformar a sociedade em que estava inserida, buscando romper com as amarras existentes, usando as “armas”, as estratégias possíveis naquele momento histórico [...] (NERCOLINI, 2009)

O movimento tropicalista se caracterizava pelo excesso em vários âmbitos. As roupas eram coloridas e chamativas, os cabelos eram compridos tanto nos homens quanto nas mulheres e agrupavam influências musicais de vários lugares, visto que bebia de fontes como a música erudita, a música brega, e elementos da cultura popular brasileira como batuques e berimbau, tudo isso muito bem costurado pelo rock psicodélico. Essa mistura gerava um desconforto na música popular brasileira que não tinha esse sentimento de contestação tão enraizado.

[...] Caetano Veloso cantou Alegria, Alegria acompanhado por guitarras elétricas. Foi um escândalo, já que elas eram consideradas ícones do imperialismo americano (e a MPB sempre esteve associada ao violão, especialmente na bossa nova). Mas o objetivo era exatamente este: arejar a elitista e nacionalista cena cultural brasileira, tornando nossa música mais universal e próxima dos jovens. (SANT'ANA, 2011, n.p)

O movimento tentava causar um certo choque rompendo com os comportamentos sociais padrões da época completamente influenciados pela contracultura, os tropicalistas foram um ponto bastante fora da curva na história da música popular brasileira, sendo lembrados e tidos como referência por artistas do mundo inteiro.

2.2.3 Os anos 80

Se nas décadas de 1960 e 1970 a Jovem Guarda e a Tropicália sofreram algum tipo de crítica, ou relutância em serem aceitos, na década de 1980 o rock nacional ganhou força de vez. Enquanto o clima de final da ditadura tomava conta das ruas, nas letras das músicas os roqueiros cantavam esse novo momento, a insatisfação com as questões políticas era clara.

Temas proibidos pelos órgãos censores – como política, sexo e drogas – tocavam de forma bem-humorada nas rádios nas vozes de Engenheiros do Hawaii, Legião Urbana, Titãs e outros, ajudando a formar novas identidades, menos reprimidas, para a sociedade brasileira. O reconhecimento do movimento, batizado de BRock, veio em 13 de janeiro de 1984, na campanha das Diretas Já, quando o deputado Ulisses Guimarães fez piadas na imprensa, declarando que enviaria ao então presidente João Figueiredo um compacto da faixa “Inútil”, da banda paulista Ultraje a Rigor. (SALDANHA, 2006, p. 2)

De certa forma esse apelo mais crítico misto a um clima contagiante deu a força que o rock precisava para engrenar de vez no país. No começo da década de 1980 o mercado fonográfico brasileiro estava nos seus piores dias. Segundo Santos Jr. e Colombo (2013) em 1980 as rádios brasileiras compraram cerca de 40, 5 milhões de LP, mas já no ano seguinte esse número sofreu uma queda catastrófica, foram apenas sete milhões de unidades adquiridas pelas emissoras. Com isso ficava mais fácil, e mais rentável para as grandes gravadoras, promover novos artistas, pois o custo de produzir um disco, para alguém que estava começando era muito menor.

[...] ao mesmo tempo em que as grandes gravadoras lutavam contra a queda no mercado no começo da década, elas encontraram no rock brasileiro o produto ideal para resolver seus problemas. Pela primeira vez o rock produzido aqui era bem vendido e, ao mesmo tempo, não tinha sua autenticidade questionada (DANTAS, 2007 apud SANTOS JR; COLOMBO, 2013, p. 7)

Esse contexto proporcionou um verdadeiro boom de novas bandas no mercado fonográfico brasileiro. Segundo Motta apud Piccoli, (2008) “Bastava dar um estúdio para elas, coca-colas e botar Liminha⁸ tomando conta de tudo. Claro, as gravadoras amaram aquilo. Então, um disco de rock se pagava com 3 mil discos”. Essa aposta das gravadoras por algo de baixo custo no final das contas foi um dos maiores acertos no meio musical daquela época. Muitas bandas surgiram no cenário musical do Brasil, Ira!, Titãs, legião Urbana, Kid Abelha,

⁸ Famoso produtor musical da década de 1980

Barão Vermelho, Blitz, dentre outras. A grande consolidação desse estouro no rock brasileiro foi em 1985, quando aconteceu no Rio de Janeiro um evento que colocou o Brasil no mapa mundial das turnês de rock: “O Rock In Rio”.

Entre 11 e 20 de janeiro de 1985, foi realizado o primeiro Rock In Rio. Em um local de 250 mil metros quadrados em Jacarepaguá foi montada a Cidade do Rock, que teve um palco de dimensões jamais vistas: 5 mil metros quadrados. A estimativa é que 1,5 milhão de pessoas estiveram presentes nos dez dias do evento (PICCOLI, 2008).

O Rock in Rio, foi a oportunidade de se mostrar a força que o rock tinha no país. Bandas como Barão Vermelho e Blitz ganharam status de gigantes ao lado de bandas já com fama mundial como ACDC, Iron Maiden, Ozzy Osbourne, Scorpions e Whitesnake. O Rock in Rio criou um ambiente que fez as bandas brasileiras que se apresentaram deslançarem no mundo da música e deu oportunidade para alguns grupos que ainda estavam começando.

2.2.4 Os anos 90 e o fim dos tempos dourados no rock brasileiro

Se a década de 1980 marcou o ápice do rock no Brasil, não se pode dizer o mesmo da década de 1990. O rock já entrou nessa década com algumas dificuldades, como a baixa nas vendas de discos e perdas dolorosas como morte de Cazuza, em 1989. Além disso, havia um movimento por parte das gravadoras que entendia o rock como moda e começaram a ditar o fim do modismo do gênero. “A maioria das grandes gravadoras eram multinacionais, e essas empresas não enxergavam no rock nacional um movimento artístico e social de grande importância” (SALDANHA, 2006, p.2). Foi então que muitas gravadoras começaram a migrar para vários outros gêneros que eram mais rentáveis na época como a lambada, por exemplo.

No final da década, momento em que as vendas começaram a ser ameaçadas (em grande parte pelo grande volume de bandas despejadas no mercado sem qualquer critério de qualidade), o rock nacional foi descartado como um produto que já não mais atendia às necessidades de seus donos. Vale lembrar que o mercado fonográfico ainda se recuperava de uma crise que o abalou mundialmente. Essa crise fez com que as grandes indústrias de disco mudassem sua postura e passassem a investir somente em artistas que oferecessem retorno certo. (SALDANHA, 2006, p. 2)

Raras foram as bandas de rock brasileiras que nos anos 90 conseguiram vendagem expressiva. O Skank conseguiu vender 1 milhão de cópias. “Garota Nacional” foi um verdadeiro hit. Contrarrêneos do Skank, Pato Fu e Jota Quest venderam bem e tiveram músicas como “Sobre o Tempo” e “Encontrar Alguém” se transformando em hits nas ondas das rádios do país. No cenário mais alternativo emergiam os Los Hermanos com o hit “Ana Júlia” e os Raimundos com “Mulher de Fases” Porém esses eram pontos muito fora da curva dentro de um cenário onde o que realmente vendia eram as músicas sertanejas que vinha em uma crescente e como já dito a lambada.

Com a mudança da moda, ao final dos anos 80, o foco das gravadoras passou a ser na lambada, ritmo baiano com influências caribenhas e de dança sensual. A este cenário se seguiu, em princípios dos anos 90, o boom dos cantores sertanejos. A maioria dos artistas de rock que haviam feito sucesso na década de 80 foram dispensados do elenco das gravadoras ou tiveram que se sujeitar a condições contratuais e de promoção (SALDANHA, 2006, p. 2)

Mas apesar dessa certa virada de costas que as gravadoras começaram a dar para as bandas brasileiras, o rock não morreu nas terras tupiniquins, ainda na década de 1990 o mercado de rock se voltou para o underground, a cena mais alternativa, tanto que os discos e novos artistas começaram a ser lançados por selos independentes, um sistema que já era vigente na indústria americana, mas que só chegou ao Brasil nos anos 90.

Estes selos funcionavam como uma espécie de incubadora de artistas novos, que eram produzidos com o capital excedente gerado pela recuperação da indústria fonográfica. O Banguela lançou Raimundos, Mundo Livre S.A., Grafórea Xilarmônica, Maskavo Roots e Little Quail and the Mad Birds. Já o Chaos foi responsável por Chico Science & Nação Zumbi, Skank e Planet Hemp. Apesar de sua curta duração, este impulso demonstrou que havia no Brasil um mercado consumidor para o rock nacional, que embora não vendesse 1 milhão de cópias, vendia 100 mil praticamente sem gastos com propaganda ou com a infame “verba de relacionamento”, eufemismo para Jabá. (SALDANHA, 2006, p. 5)

Com tudo isso o rock perdeu seu lugar na rádio e na TV, os dois meios de comunicação de maior visibilidade e popularidade. Os artistas surgidos após essa época surfaram e ainda surfam na onda da internet. Dessa forma, devido ao cenário radiofônico e mercadológico dos dias atuais percebe-se que o rock nunca mais teve em terras brasileiras o prestígio de tempos atrás.

2.3 O rock nas rádios do Brasil

Ao falarmos sobre o rock nas irradiações radiofônicas, é importante pontuar a inserção da música nesse contexto midiático. O rádio no Brasil nasceu nas mãos de Edgard Roquete Pinto, que sempre defendeu o caráter cultural e educativo desse meio de comunicação. Segundo Ruy Castro (2013, n.p), Roquete Pinto apesar de querer manter o rádio um veículo educativo, usava a música no veículo, transmitia óperas completas e também mantinha algum repertório de música popular nas transmissões que realizava. O portanto rádio nem sempre foi um veículo de circulação musical como hoje em dia, principalmente em seu início, até porque antes da possibilidade da gravação elétrica em 78 RPM, que aconteceu em 1928, as rádios necessitavam que os cantores fizessem suas performances ao vivo dentro dos estúdios. Segundo Cotta (2006, p. 6) apud Gonçalves e Crepalde (2017, p. 58), “(...) a performance musical ao vivo era a regra e as rádios geralmente tinham profissionais contratados para escrever, arranjar, ensaiar e executar música, inclusive muitas delas mantinham suas próprias orquestras.”

O rádio até essa época mantinha um tom mais voltado para notícias, esportes e a programação musical realmente não era o forte. Um modelo de rádio que passou a priorizar a programação musical e de entretenimento só chegou na década de 1930 com Getúlio Vargas. No início do seu governo, Vargas auxiliou esse cenário a se desfazer por conta da criação dos decretos nº 20.047 e 21.111, a transmissão de propaganda comercial foi liberada. Grandes marcas se transformaram em patrocinadores de programas, contanto que os anúncios não ultrapassassem 10% do total de tempo do programa.

Kolinos, Esso, Royal, entre outros, davam nomes aos programas que patrocinavam. Na Rádio Nacional do Rio de Janeiro, para lançar seu produto no Brasil, a Coca-Cola investiu muito para patrocinar o programa “Um Milhão de Melodias”. Assim produtos americanos começaram a entrar no Brasil. Porém, o governo exigia que o tempo dos anúncios não ultrapassasse 10% do total da programação. (SANTANA, 2004, n.p)

Inspirado no modelo de rádio comercial dos Estados Unidos que estava em grande expansão, Vargas estatizou a rádio nacional e é nela que vemos pela primeira vez uma programação bem mais voltada para a música popular.

Esta seria particularmente importante para o mercado de música da época. Ainda que fosse uma empresa estatal, sua programação notabilizou-se pela ênfase no entretenimento e no jornalismo (SAROLDI e MOREIRA, 2005). Tendo como objetivo se tornar a rádio mais popular do país, essa empresa apelaria para uma

programação pautada em radionovelas, informes jornalísticos e também na música popular. De fato, a música popular, transmitida ao vivo ou reproduzida via discos, gozava de espaço privilegiado na programação, possuindo programas próprios, além de servir como forma de preencher as pausas entre as novelas e os noticiários (VICENTE e DEMARCHI, 2014 p. 14)

Com essa nova programação que incluía bastante música nas rádios, as emissoras passaram a contar com um time de músicos especializados como arranjadores, maestros e cantores. Esse modelo propiciou um grande crescimento e desenvolvimento no cenário musical brasileiro. Principalmente a figura dos maestros que trabalhavam nas rádios. De acordo Vicente e De Marchi (2014) o trabalho dos maestros de criar arranjos para as músicas ao vivo nas rádios dava certa padronização à sonoridade da música popular. Quando o trabalho era em feito facilitava muito o acesso desses profissionais a entrada na indústria fonográfica. Do estúdio das rádios começaram a fazer trabalhos para grandes gravadoras. Com isso foi dado início a uma relação entre o rádio e a indústria fonográfica que via no veículo a local propício para a propagação e produção da indústria musical.

É importante salientar aqui que dos anos 1930 até os anos 1950 os meios de comunicação ainda não apresentavam aqui no Brasil, um nível de desenvolvimento e de organização que permitisse defini-los como indústria cultural (ORTIZ, 1988 apud. ZAN, 2001, p. 105). Segundo Lima, (1982), pelo desenvolvimento ainda pequeno da economia de mercado, não se podia reconhecer a existência de uma sociedade de consumo no país, sociedade essa que é a base social de uma cultura de massa. Isso quer dizer que o Brasil durante essa época de consolidação do rádio e da TV ainda vivia um modelo de construção do que chamamos de indústria fonográfica. De acordo com Zan, (2001, p. 105), Os meios de comunicação de massa atuavam muito mais como elementos mediadores nas relações entre o Estado e as massas urbanas do que como estruturas geradoras de uma cultura massificada e integradora. Mas esse cenário começou a se modificar já na época de expansão do rádio e da TV em território nacional e como podemos observar nos dias atuais esse cenário se inverteu bastante, sendo TV e rádio aliada a internet a partir dos anos 1990 os principais difusores da chamada indústria cultural.

2.3.1 Onde o rock entra nessa história?

Até o fim da década de 1950 o rock permaneceu com pouca influência no mercado musical brasileiro em geral, e com isso pouca execução no meio radiofônico devido ao pouco

apelo comercial. A década de 1960 foi marcada por um período no qual a televisão teve amplo crescimento em território nacional. A TV começava a receber mais dinheiro de patrocinadores, tirando-os do rádio. Houve também a migração de muitos dos programas e quadros técnicos e artísticos que anteriormente pertenciam ao rádio (ORTRIWANO, 1984 apud VICENTE e De MARCHI, 2014). Essa absorção também foi sentida pelos artistas que deixariam de ter contratos com as rádios. O rock também sentia esse efeito, a *Jovem Guarda* que era o principal movimento ligado ao gênero no país, ajudou no surgimento e consolidação de uma geração inteira de grandes artistas no Brasil ligados ao rock e estava protagonizada na TV e não nas rádios. O impacto sobre o consumo de música no país foi iminente e houve uma certa inversão de papéis, a troca do rádio pela TV. Outros gêneros também sentiram esse impacto como a Bossa Nova, que teve seus artistas sendo representados na TV com o programa *O Fino da Bossa*.

Essa nova geração de artistas, ligada a um público jovem, urbano e de maior nível socioeconômico, será absorvida notadamente pelas grandes gravadoras multinacionais que passam a operar no país. Esses novos artistas iriam ocupar o lugar vago das grandes estrelas tradicionais do rádio que, justamente com os artistas associados a um público formado pelas populações do meio rural e das periferias urbanas, ficariam restritas às emissoras de AM e seriam os principais contratados de gravadoras nacionais como RGE, Rozemblit, Copacabana, Continental e Chantecler. (VICENTE e De MARCHI, 2014 p. 18)

O mercado fonográfico brasileiro passou por uma grande reformulação nesse período. Na década de 1970 as gravadoras começaram a constatar que o que mais se vendia no país eram os discos compactos de artistas internacionais, que em muitos casos eram de música rock ou pop, que faziam sucesso na época. Foi nesse público jovem que elas passaram a mirar para promover os artistas nacionais. Com o surgimento das rádios FM a programação passou a ser tomada por música pop e rock internacional e a produção brasileira desses gêneros embora fosse pontual não supria a demanda por parte da população, principalmente pela repressão sofrida por parte dos artistas expoentes da MPB que exercia um papel de “aprovadores” do que podia ou não ser consagrado na música brasileira.

E, se nos lembrarmos de que nos anos 1970 a música estrangeira era a mais consumida em compactos simples ou duplos pela massa dos jovens urbanos, seremos obrigados a reconhecer que a transformação e a modernização do mercado brasileiro de música tinham mesmo que passar pela consagração como artistas de uma geração de músicos brasileiros que se dispusessem a fazer no Brasil a música internacionalizada que antes era adquirida em compactos. E mais, que a consagração

desses músicos como artistas só podia decorrer, naquele momento, da retomada poética e política da MPB. (MORELLI 2008, p.97)

Rádios como a rádio Cidade FM no Rio de Janeiro tiveram papel importante na disseminação do estilo em território brasileiro, com uma proposta mais voltada para o público jovem e a programação fincada na música pop e no rock. Podemos dizer que após o início das suas atividades em 1977, a Cidade FM foi o modelo a ser seguido pelos veículos radiofônicos situados nas frequências FM.

A *Cidade* redesenhou a programação das FMs brasileiras. Os animadores de auditório dos programas AM de meados do século XX dão lugar paulatinamente aos disc-jóqueis, comunicadores que dialogam com os ouvintes, não mais chamado pomposamente de *prezadíssimos* ou *senhoras e senhores*³. A especialização da programação musical permite a exploração mercadológica mais eficaz das audiências, ajudando a estabelecer comunidades de gosto transfronteiriças (embora guardando especificidades locais), mobilizadas por gêneros (e subgêneros) musicais em constante rearranjo, como o rock (e todas as suas denominações derivadas, como *hard rock*, *heavy metal*, *industrial*, *rockabilly*), o pop, o rap etc. (KISCHINHEVSKY, 2011 p. 249)

No final dos anos 1970, com o início das emissoras jovens no Brasil, o rock começou a ganhar corpo e competir no mercado musical nacional com outros gêneros musicais. Nos anos 80 as rádios começaram a explorar de vez o gênero na programação. O BRock, como ficou conhecido, talvez tenha levado vantagem sobre as outras vertentes porque tinha tudo aquilo que se exigia para se fazer sucesso e tirar o rock da desconfiança. Não era alvo de críticas por ser alienado e era barato para a produção das gravadoras, com isso um leque enorme de bandas passou a frequentar a programação das rádios e os anos 80 foi a década de maior sucesso no rock brasileiro.

As letras de músicas das bandas dos anos 80 já não tinham o apelo panfletário e denso como as letras da MPB vistas em outras épocas. As letras eram mais voltadas para o cotidiano destes jovens, mas sem deixar de serem políticas e apresentarem conteúdo. Contudo isto era feito com humor, a exemplo de *Ultraje a Rigor*, ou ironia, como notado em letras de *Cazuza e Legião Urbana* (FERNANDES *et al.*, 2009 apud SANTOS JR. E COLOMBO, 2013 p. 8).

Nessa época a relação do rock com o rádio passou a ser mais explícita. O gênero que até então só tinha voz em meio a MPB, agora ganhava rádios que só tocavam rock. A Fluminense FM, fundada em 1982 no Rio de Janeiro foi a pioneira nesse estilo de rádio. A emissora ficou popularmente conhecida como “Maldita”, justamente por utilizar linguajar e atitudes mais descoladas típicas do rock. A rádio foi responsável por lançar as fitas-demo de

algumas bandas que se tornariam famosas em todo o território nacional como Legião Urbana, Paralamas do Sucesso, Capital Inicial e Plebe Rude. Uma outra grande rádio que ajudou o gênero a se consolidar foi a 89 FM de São Paulo, com o slogan de “A rádio rock”, a 89 FM dedicou suas ondas aos grandes sucessos de rock até o ano de 2006, depois houve um hiato e em 2012 retornou com sua programação totalmente voltada para o rock and roll.

Chegando aos anos 1990 temos um retorno do rock ao seu estado de não protagonista do mercado fonográfico brasileiro. A partir dessa década acontece um movimento de segmentação muito forte na indústria da música. O início do funk, o sertanejo, e alguns outros ritmos surgem e diversificam ainda mais o campo dos estilos musicais e o rock volta a ser coadjuvante.

(...) as grandes gravadoras do eixo passaram a se interessar mais por gêneros musicais ligados a esse público emergente. Assim, começaram a contratar artistas ligados à música sertaneja, a música romântica tradicional ou música brega, ao estilo de samba conhecido como pagode e à música baiana de carnaval, rotulada de música axé. Esse fenômeno iria se intensificar no início dos anos 1990, gerando uma série de artistas que alcançariam notável êxito comercial, como Chitãozinho e Chororó, Leandro e Leonardo, Zezé de Camargo e Luciano, Daniela Mercury, Banda Eva, o Tchan, Só para Contrariar, entre outros, cujas marcas de venda de CD (novo formato que era colocado no mercado pela indústria fonográfica no lugar dos tradicionais LP e fitas magnéticas) alcançavam cifras expressivas. (VICENTE E De MARCHI, 2014 p. 23)

Com o advento das novas tecnologias e a entrada no século XXI, o CD e os arquivos digitais contribuíram para que segmentação musical se ampliasse cada vez mais. Mas com a falta de espaço no *mainstream* musical o rock brasileiro retornou a cena underground onde continua até os dias atuais. A chegada dos meios digitais ampliou o acesso das pessoas aos acervos musicais dos seus cantores prediletos, porém isso fez com que a indústria fonográfica buscasse novas formas de se manter na sua posição de detentora do gerenciamento de artistas mundo afora. Por outro lado os artistas, também começaram a fugir desse meio e começaram a buscar meios independentes de divulgação dos seus trabalhos, principalmente porque dessa maneira estão mais ligados ao processo criativo como um todo, podendo controlar tudo que acontece nos bastidores dos seus trabalhos.

Recentemente, com a fragmentação da produção e a aproximação dos músicos e artistas do processo de produção de discos, muitos daqueles pertencentes aos primeiros times das grandes companhias preferiram delas se desligar, procurando pequenos selos nos quais são os responsáveis ou acompanham bem de perto todo o processo (tal como fizeram Chico Buarque de Holanda, Maria Bethânia, Gal Costa, Djavan, entre outros). Esse desfalque no *cast* das grandes companhias, mesmo que relativo – uma vez que muitos dos contratos “amarram” para sempre as

obras às gravadoras - tem estimulado uma mudança nas estratégias, fazendo com que as *majors* concentrem sua ação no que chamo de *catálogo de sucessos*, uma síntese das anteriores, com o lançamento exaustivo de coletâneas, que são concebidas das mais variadas formas, temas, títulos e o de *caixas*, contemplando a obra completa de determinado artista. (DIAS, 2010, p. 4)

Mas mesmo com esse baque, as grandes indústrias ainda continuaram com um poder de concentração daquilo que se toca por aí devido ao grande aporte financeiro e estrutural que mesmo com crises aqui e ali se manteve em certa medida de grande magnitude. No caso do rock e salvo alguns cantores da famosa geração dos anos 1980 como os Titãs e das novas gerações como Skank, Pitty e Jota Quest ainda consegue produzir novos trabalhos e penetrar nas rádios e streamings de música.

3. RELATÓRIO TÉCNICO

Como parte do memorial, apresentamos aqui o relatório técnico para descrever o processo de realização um programa de rádio para a rádio Universitária FM 100, 7 que vai tratar das temáticas no corpo deste artigo. O programa produzido foi um piloto com duração de uma hora e nove minutos de duração, com uma contextualização histórica do gênero rock no Brasil. O programa é uma mistura do gênero educativo, sendo ele um documentário educativo-cultural cultural que segundo André Barbosa Filho (2003, p. 112), é o formato cuja abordagem é direcionada a um tema de cunho humanístico, como uma escola, um movimento literário [...] Seu tempo de transmissão é entre meia hora e uma hora, e seu roteiro deve respeitar o uso de elementos sonoros, como trilhas, efeitos e vinhetas. E junto a esse ele é um programa musical que segundo André Barbosa Filho (2003, p. 115) é o formato que tem como mote a música. Com conteúdo e plástica diferenciados, abre espaço para a difusão de obras musicais dos mais diferentes gêneros. Consolidou-se com a emergência da frequência modulada (FM).

Segundo Eduardo Vicente (2003, p. 3) o gênero musical é o tipo de programa que ocupa o maior espaço da programação de grande parte das rádios do país. Sendo assim eu como um apaixonado por rock, principalmente pelo contexto musical no qual fui criado e diante da necessidade de produzir um trabalho para a conclusão do curso de Comunicação Social na Universidade Federal de Viçosa me vi diante de uma grande oportunidade. Como sempre gostei de rádio e tinha a curiosidade e a vontade de produzir um programa neste veículo decidi unir o útil ao agradável: Navegar pela produção de um programa de rádio onde poderia experimentar a construção de um programa radiofônico e ao mesmo tempo colocar em prática as habilidades adquiridas durante o curso que está em fase de conclusão.

3.1 Pré-produção

O primeiro passo foi formatar a ideia do programa em conjunto com a orientadora deste trabalho, Kátia Fraga, no mês de agosto. Assim que o programa foi pensado tive a primeira conversa com o diretor de programação da Universitária FM 100, 7, Felipe Menicucci, sobre a possibilidade de produzir o piloto que posteriormente tivesse a possibilidade de se transformar em um programa de rádio semanal na Rádio Universitária.

Após a resposta positiva da direção da rádio comecei as pesquisas que compõe este trabalho. Ainda no mesmo mês de agosto tive as primeiras reuniões com minha orientadora Kátia Fraga, e delimitamos que o primeiro programa seria sobre a história do rock nacional. A partir daí separei o trabalho em duas partes e juntamente com a orientadora ficou decidido que seria feita a confecção da parte teórica do trabalho e posteriormente a parte prática.

3.2 Produção

Decididos os primeiros passos comecei então a ler os textos para a confecção da parte do trabalho que se refere a história do rock e sua relação com o rádio no Brasil. Os meses de agosto, setembro, outubro e novembro foram dedicados a escrita do trabalho. No mês de novembro a escrita do trabalho foi compartilhada com a produção do programa “100 VÍRGULA ROCK”. A produção do programa foi feita de acordo com os princípios citados por McLeish (2005) no capítulo “O trabalho do produtor”. Segundo McLeish (2005) o trabalho de produção começa com a formatação de ideias para o programa que se deseja produzir e estabelecer relação dessas ideias com aquilo que a audiência procura no veículo que ele será transmitido. Esse trabalho já havia sido feito no mês de agosto, então parti para outro princípio citado por McLeish (2005) que é a preparação do material que vai fazer parte do programa. Como o piloto produzido para esse trabalho trataria sobre o rock nacional, aproveitei o material de pesquisa teórica e o utilizei na criação do roteiro do programa “100 VÍRGULA ROCK”, além disso como o programa foi pensado em ser informativo e de entretenimento também foram selecionadas músicas para costurar as informações do programa, decidi que para cada bloco de informações citadas no roteiro do programa, três músicas relacionadas a essas informações seriam executadas. Entendi que isso faria com que o programa ficasse mais orgânico e prazeroso de se ouvir.

Foram retratados os anos de 1960, 1970, 1980 e 1990, por entender que esses foram os principais momentos que o rock viveu no Brasil. Logo depois de estabelecer essas informações de produção, parti logo para a próxima fase de desenvolvimento do programa que segundo McLeish (2005) é a “sessão em estúdio”. Foi utilizado o estúdio de gravação da rádio Universitária FM 100, 7. Foi necessária apenas uma manhã para a gravação do roteiro do programa.

3.3 Pós-produção

Segundo McLeish (2005) nesse estágio de pós-produção as informações gravadas devem ser combinadas aos outros elementos que compõem o programa a ser finalizado. No caso do “100 VÍRGULA ROCK”, as informações gravadas em estúdio foram mixadas junto as músicas. O programa foi dividido entre 5 inserções de informações seguidas de blocos de três músicas. Para realizar o processo de edição foram utilizados os programas “Reaper” para edição de voz e “Vegas Pro 15” para ajustar os backgrounds e combinar as músicas com a locução do programa. Todo esse processo foi feito pelo autor deste trabalho, sem terceiros auxiliando no processo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao produzir este trabalho pude perceber que o rock, assim como qualquer outro gênero musical, está em um mercado extremamente ligado ao lucro e por mais que em certo ponto as manifestações artísticas estejam fugindo dessa lógica, principalmente com o advento da internet e dos streamings de música, onde os ouvintes selecionam o que vão escutar, o rádio ainda continua sendo o principal veículo de disseminação musical, sendo utilizado pelas grandes gravadoras como uma espécie de trampolim para que a massa de cantores de todos os gêneros que surgem no mercado sejam alçados a fama.

Na reflexão que faço levando em conta essa percepção do mercado musical e o material pesquisado para esse trabalho, posso afirmar que o rock não morreu, estará sempre aceso nos corações daqueles que anseiam por liberdade e uma bela remexida no esqueleto. Ainda que o gênero tivesse morrido, talvez fosse porque foi relegado pela indústria musical que não o via mais com bons olhos ou a rentabilidade que eles desejavam. Não será o meu programa que irá tirar o rock do lugar onde se encontra hoje, mas entendo que por toda a história e importância do rock no cenário musical, principalmente do século XX, o rock merece um resgate histórico.

Talvez os negros americanos, os verdadeiros percussores desse estilo, estivessem orgulhosos de ver onde o rock chegou e o que conquistou. Antes da sua popularização e absorção pela indústria cultural o gênero mostrou o seu poder revolucionário ao longo das décadas estudadas neste artigo. Quebrou alguns padrões sociais, criou tendências e incomodou. Por mais que o rock tenha perdido ao longo dos anos seu caráter de transpassar alguns paradigmas culturais das sociedades mundo afora, ele deve ser sim lembrado e essa história deve ser conservada e difundida afim de que as próximas gerações possam acompanhar um pedacinho da história da humanidade que foi construído com muitos solos e riffs de guitarra. Se o “100 VÍRGULA ROCK” conseguir mostrar um pouco dessa grande importância que o gênero teve não só no Brasil mas no mundo, este autor já estará satisfeito com o resultado de seu trabalho.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFFONSO, Sérgio. **Rock nacional vira raridade no rádio e volta para o underground.** O Globo, 2014. Entrevista concedida a M. Miranda. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/musica/rock-nacional-vira-raridade-no-radio-volta-para-underground-15391753>> Acessado em: 25 mai. 2018.

ALVES, Daise. **O auge do rock nacional durante a década de 1980.** Universo Retrô, 2017. Disponível em <<http://universoretro.com.br/o-auge-do-rock-nacional-durante-a-decada-de-1980/>> Acessado em 29 abr. 2018

BLOIS, Marlene. **Rádio Educativo no Brasil: Uma história em construção.** Intercom, 2013.

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos: os formatos e os programas de áudio.** São Paulo: Paulinas, 2003. 158 p.

CASTRO, Ruy. **Roquette Pinto: O Homem Multidão.** Revista Especial do 60, 2013. p 2-17.

DIAS, Márcia Tosta. **Indústria fonográfica: a reinvenção de um negócio.** Economia da arte e da cultura. Bolaño, Golin e Brittos (orgs.). São Paulo, Itaú Cultural, 2010. p. 165-183

MARIA, Julio. **Jovem Guarda, aos 50 anos, ainda espera pela absolvição.** O Estado de São Paulo, 2015. Disponível em: <<https://cultura.estadao.com.br/noticias/musica,jovem-guarda-aos50-anos--ainda-espera-pela-absolvicao,1748645>> Acessado em 31 de outubro de 2018.

FARLEY, Christopher John. **Elvis Rocks. But He's Not The First.** TIME Magazine, 2004.

FERRAZ, Benke. **Rock nacional vira raridade no rádio e volta para o underground.** O Globo, 2014. Entrevista concedida a M. Miranda. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/musica/rock-nacional-vira-raridade-no-radio-volta-para-underground-15391753>> Acessado em: 25 mai. 2018.

FLUMINENSE FM. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2018. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Fluminense_FM&oldid=52142998>. Acesso em: 21 mai. 2018.

GONÇALVES, Aírton da Cruz; CREPALDE, Neylson João Batista Filho. **O Consumo de Música e o Rádio**. Formação@ Docente 9, nº 2, 2017. p 56-72

HOVORUSKI, Alexandre. **Rock nacional vira raridade no rádio e volta para o underground**. O Globo, 2014. Entrevista concedida a M. Miranda. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/musica/rock-nacional-vira-raridade-no-radio-volta-para-underground-15391753>> Acessado em: 29 abr. 2018.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Por uma economia política do rádio musical - articulações entre as indústrias da música e da radiodifusão sonora**. Matrizes, vol. 5, núm. 1, julho-dezembro, 2011, pp. 247-258. Universidade de São Paulo. São Paulo, Brasil.

LOPES MENICUCCI, Felipe. Entrevista concedida no dia 31 de outubro de 2018.

MCLEISH, Robert. **Radio production**. Focal Press, Fifth Edition. 2005.

MORELLI, Rita de Cássia Lahoz. **O campo da MPB e o mercado moderno de música no Brasil: do nacional-popular à segmentação contemporânea**. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 10, n. 16, p. 87-88 101, jan.-jun. 2008

NERCOLINI, Marildo José. Prefácio In: CARVALHO, Aline. *Produção de Cultura no Brasil: da Tropicália aos Pontos de Cultura*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Multifoco, 2009. p 17-21.

PAIXÃO, Cláudia Regina. **Jovem Guarda: O rock amplificado pela televisão brasileira**. Intercom, 2013.

PICCOLI, Edgard. **Que rock é esse? A história do rock brasileiro contada por alguns de seus ícones**. Editora Globo, São Paulo, SP, 2008.

ROCK AND ROLL. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2017. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Rock_and_roll&oldid=49381415>. Acesso em: 29 abr. 2018.

SALDANHA, Rafael Machado. **“Um passo à frente e você não está mais no mesmo lugar”**: os anos 90 e o rock no Brasil. Intercom, 2006.

SANTANA, Fabiana Alves. **O estudo do rádio e sua relação com o públicos**. Monografia (Monografia em Comunicação Social) – UniCeub. Brasília, 2004.

SANT’ANA, Thaís. **“O que foi o Tropicalismo?”**. Super Interessante, 2011. Disponível em: < <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-foi-o-tropicalismo>>. Acesso em: 28 de Outubro de 2018.

SOUZA, Rainer Gonçalves. **Jovem Guarda; Brasil Escola**. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/historiab/jovemguarda.htm>>. Acesso em 28 de Outubro de 2018.

SANTOS Jr., Ivanildo P.; COLOMBO, Macri Elaine. **O Rock errou... A ascensão e queda (e eventual retorno) do rock nas rádios brasileiras**. Intercom, 2013.

VICENTE, Eduardo; De MARCHI, Leonardo. **Por uma história da indústria fonográfica no Brasil 1900-2010: uma contribuição desde a Comunicação Social**. Música Popular em Revista, Campinas, ano 3, v. 1, p. 7-36, jul.-dez. 2014.

VICENTE, Eduardo **Gêneros e formatos radiofônicos**. Educom.rádio. Centro Oeste. 2003. Disponível em: <corais.org/sites/default/files/generoseformatos.pdf> Acessado em: 5 de Dezembro de 2018

ZAN, José Roberto. **Música popular brasileira, indústria cultural e identidade**. EccoS Rev. Cient., UNINOVE, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 105-122. 2001

6. ANEXOS

100, ROCK – PILOTO – ROCK NACIONAL

APRESENTAÇÃO, ROTEIRO E EDIÇÃO: ANDRÉ BERNARDES	TEMPO: 1 HORA E 9 MINUTOS
ORIENTAÇÃO: KÁTIA FRAGA	

	<p>COMEÇA COM MÚSICA DO RAMONES “DO YOU REMEMBER ROCK N ROLL RADIO?” DEPOIS CAI PARA BG E EU COMEÇO COM O TEXTO INICIAL.</p> <p>ABERTURA</p> <p>OLÁ!!! MEU NOME É ANDRÉ BERNARDES E SEJAM MUITO BEM VINDOS AO 100, ROCK! O SEU PROGRAMA DE ROCK SEMANAL DE ROCK AQUI NA UNIVERSITÁRIA FM 100,7. TODA SEMANA ÀS 10:30 DA MANHÃ DE QUARTA FEIRA VAMOS NAVEGAR PELA HISTÓRIA DE ALGUM CANTOR, BANDA OU SUBGÊNERO DO BOM E VELHO ROCK N’ ROLL. O PROGRAMA PRETENDE, RESGATAR OS CLÁSSICOS, COLOCAR A MOSTRA AS NOVIDADES E O MELHOR DE TUDO MUITA MÚSICA BOA NO SEU RÁDIO.</p> <p>SOBE SOM</p> <p>E NESSE NOSSO PRIMEIRO PROGRAMA O TEMA VAI SER O ROCK NACIONAL, DE ONDE VEIO, COMO COMEÇOU, ACABOU? AUMENTA O SOM QUE TUDO ISSO E MUITO MAIS VOCÊ VAI DESCOBRIR AGORA NO 100, ROCK.</p> <p>SOBE SOM</p> <p>VAMOS COMEÇAR A NOSSA VIAGEM PELO ROCK EM TERRAS BRASILEIRAS. O GÊNERO CHEGOU MEIO AMERICANIZADO COM ALGUNS COVERS DE ARTISTAS AMERICANOS E LOGO CATIVOU A REBELDE JUVENTUDE BRASILEIRA. A PRIMEIRA GRAVAÇÃO DE ROCK AQUI NO BRASIL FOI NA</p>
--	--

DÉCADA DE 1950. NORA NEY FAMOSA POR CANTAR SAMBA-CANÇÃO, REGRAVOU A MÚSICA ROCK AROUND THE CLOCK QUE NA ÉPOCA JÁ FAZIA UM ENORME SUCESSO NOS ESTADOS UNIDOS COM BILL HAILEY AND HIS COMETS. A MÚSICA ERA TRILHA DO FILME DE 1955 SEMENTES DE VIOLÊNCIA. O FILME FOI LANÇADO EM MARÇO E CHEGA AO BRASIL NO FIM DO MESMO ANO, PORÉM A GRAVADORA CONTINENTAL ADIANTOU A MÚSICA TEMA DO FILME POR AQUI COM NORA NEY, QUE GRAVA A MÚSICA EM INGLÊS, MAS COM O NOME DE “RONDA DAS HORAS”, POIS “ROCK AROUND THE CLOCK” AINDA NÃO HAVIA SIDO LANÇADA OFICIALMENTE NO PAÍS E ISSO PODERIA GARIR ALGUM PROBLEMA DE DIREITOS AUTORAIS. E UMA CURIOSIDADE É QUE ESCOLHERAM A NORA NEY PQ ELA FALAVA MT BEM INGLÊS, TANTO QUE ESSA FOI A ÚNICA GRAVAÇÃO DE ROCK NA CARREIRA DE NORA. NORA NEY FICOU COM O TÍTULO DE PRIMEIRO ROCK DO BRASIL, MAS SABE QUEM GRAVOU O PRIMEIRO ROCK EM PORTUGUÊS FOI CAUBY PEIXOTO, QUE TAMBÉM, NÃO TINHA SUAS RAÍZES NO ROCK. ANTES DE GRAVAR “ROCK AND ROLL EM CAPANCABANA” CAUBY ESTAVA NOS ESTADOS UNIDOS USANDO O NOME ARTÍSTICO DE RON COBY, MAS RETORNOU AO BRASIL EM 1957 PARA LANÇAR ESSA CANÇÃO QUE FEZ OS BRASILEIROS REMEXEREM O ESQUELETO AO SOM DE SEU ROCK ABRASILEIRADO. NESSA MESMA ÉPOCA SURGE AQUELE QUE É CONSIDERADO O PRIMEIRO GRUPO DE ROCK COMPLETAMENTE BRASILEIRO “BETINHO E SEU CONJUNTO QUE ANIMARAM MUITO AS BOATES PAULISTANAS E É COM OS PERCURSORES DESSE GÊNERO NO BRASIL QUE VAMOS PARA NOSSO PRIMEIRO BLOCO MUSICAL DO NOSSO 100,ROCK!

SOBE SOM

NORA NEY - RONDA DAS HORAS

CAUBY PEIXOTO - ROCK N’ ROLL EM COPACABANA

BETINHO & SEU CONJUNTO - ENROLANDO O

ROCK

SOBE SOM

DE VOLTA AQUI COM O 100,ROCK, EU SOU ANDRÉ BERNARDES E NESSE PROGRAMA DE ESTREIA VOCÊ ESTÁ CURTINDO O MELHOR DA HISTÓRIA DO ROCK BRASILEIRO. DEPOIS DOS SUCESSOS DE NORA NEY E CAUBI PEIXOTO, O ROCK GANHOU DE VEZ O CORAÇÃO DOS BRASILEIROS. ENTRE O FINAL DA DÉCADA DE 1950 E O INÍCIO DA DÉCADA SEGUINTE CELY CAMPELO ESTOUROU NO PAÍS COM ESTÚPIDO CUPIDO VERSÃO DE STUPID CUPID DE TONY FRANCIS DE 1958. O SUCESSO FOI TANTO QUE CELY VIROU BONECA E FEZ ATÉ PARTICIPAÇÃO NA NOVELA QUE LEVAVA O NOME DA CANÇÃO ESTÚPIDO CULPIDO. MAS O SUCESSO DUROU POUCO, TANTO QUE CELY SÓ NÃO PARTICIPOU DO MOVIMENTO QUE EXPLODIRIA EM SEGUIDA, A JOVEM GUARDA, PORQUE ABANDONOU A CARREIRA. E FALANDO EM PROGRAMA JOVEM GUARDA ELE FEZ UM GRANDE SUCESSO NA DÉCADA DE 1960, E REVELOU NOMES COMO ERASMO CARLOS E WANDERLEA QUE PAROU MUITOS CASAMENTOS POR AÍ. ALÉM DISSO FOI NO PROGRAMA JOVEM GUARDA QUE SURTIU AQUELE QUE NINGUÉM DEVE CONHECER: ROBERTO CARLOS. ROBERTO FICOU MUITO FAMOSO NESSA ÉPOCA, LANÇOU DISCOS, FILMES, FOI A GRANDE CARA DA JOVEM GUARDA. MAS AO MESMO TEMPO QUE ERA BEM QUISTO PELO PÚBLICO, ERA EXTREMAMENTE CRITICADO PELA POSTURA POLÍTICA MEIO NULA DIANTE DO CLIMA DE TENSÃO QUE O PAÍS VIVIA NA DITADURA MILITAR. ROBERTO FOI E É CULTUADO ATÉ HOJE COMO UM DOS GRANDES NOMES DA MÚSICA BRASILEIRA DE TODOS OS TEMPOS. É NA INTERPRETAÇÃO DELE QUE VAMOS CURTIR MAIS UM CLÁSSICO DO ROCK BRASILEIRO. O 100, ROCK CONTINUA COM CELY CAMPELO E LOGO DEPOIS ROBERTO CARLOS.

SOBE SOM

CELY CAMPELO - ESTÚPIDO CULPIDO

WANDERLEA - PARE AGORA

ROBERTO CARLOS – VOCÊ NÃO SERVE PARA MIM

SOBE SOM

OLÁ EU SOU O ANDRÉ BERNARDES E VOCÊ ESTÁ OUVINDO O 100, ROCK! E ESTAMOS FAZENDO UMA VIAGEM PELO ROCK BRASILEIRO, AINDA ESTAMOS NA DÉCADA DE 1960. E POR AQUI ACONTECEU MUITA COISA BOA, VOCÊ JÁ OUVIU O REI QUE FOI UM DOS GRANDES NOMES DESSA DÉCADA, MAS FOI TAMBÉM NOS ANOS 1960, JÁ NO FINALZINHO QUE OS MUTANTES GANHARAM LITERALMENTE O MUNDO. FORMARAM O TROPICALISMO COM GIL, CAETANO, GAL COSTA, TOM ZÉ, TORQUATO NETO, CAPINAN, ROGÉRIO DUPRAT E NARA LEÃO. UM SOM PSICODÉLICO, UMA MISTURA DE SONS TÍPICAMENTE BRASILEIROS COM O ROCK. TEVE UM FIM SOCIAL E POLÍTICO, ALGUMAS LETRAS TINHAM FORTES SINAIS DE PROTESTO, MAS ALÉM DISSO A TROPICALIA FOI UM MOVIMENTO DE REVOLUÇÃO ESTÉTICA E COMPORTAMENTAL. VAMOS OUVIR AGORA MUTANTES COM BALADA DO LOUCO E CAETANO E GILBERTO GIL COM BAT MACUMBA.

SOBE SOM

MUTANTES – BALADA DO LOUCO

GILBERTO GIL E CAETANO VELOSO – BAT MACUMBA

GAL COSTA – BABY

SOBE SOM

COM ESSA PARADA PSICODÉLICA NO FIM DOS ANOS 60 NOSSA VIAGEM AQUI DO 100, ROCK CHEGA A DÉCADA DE 1970, TEMOS AQUI O GRANDE RAUL SEIXAS SE TORNANDO UM DOS EXPOENTES DO ROCK BRASILEIRO, COM SUAS MÚSICAS PROFUNDAS E CRÍTICAS RAUL FOI ALVO DA DITADURA MILITAR, E CHEGOU A SER EXILADO NOS ESTADOS UNIDOS, INCLUSIVE SOBRE SUA ESTADIA NOS ESTADOS UNIDOS

DIZEM QUE ELE CHEGOU A SE ENCONTRAR COM JHON LENNON. ALÉM DE RAUL OUTRO GRANDE EXPOENTE DESSA DÉCADA FOI O GRUPO SECOS E MOLHADOS, LIDERADO POR NEY MATOGROSSO O GRUPO FAZIA UMA ESPÉCIE DE POESIA CANTADA QUE ATÉ HOJE É ENCANTA QUEM PARA PARA OUVIR. OS ANOS 70 TAMBÉM REVELARAM UM GRUPO QUE FICARIA BASTANTE FAMOSO NOS ANOS 80, COM OUTRO NOME OS FAMKS COMEÇARAM NO FINAL DA DÉCADA DE 1970 E SE TORNARAM ROUPA NOVA NA DÉCADA DE 1980. NOSSAS PRÓXIMAS MÚSICAS SÃO OURO DE TOLO DE RAUL SEIXAS, AS GUITARRAS ELÉTRICAS NA CANÇÃO VIRA DOS SECOS E MOLHADOS E OS FAMKS COM HOMEM DE MARECHAL.

RAUL SEIXAS – OURO DE TOLO

SECOS E MOLHADOS – VIRA

OS FAMKS - HOMEM DE MARECHAL

SOBE SOM

VOCÊ OUVIU RAUL SEIXAS COM OURO DE TOLO E LOGO EM SEGUIDA SECOS E MOLHADOS, NA CONTINUAÇÃO DA NOSSA VIAGEM PELO ROCK NO BRASIL DESEMBARCAMOS AGORA NOS ANOS 80. A DÉCADA DE 1980 VIVE EM FORMA DE LEMBRANÇA NA MENTE DE MUITA GENTE. DE FATO, FOI UM MOMENTO MUITO RICO DO PONTO DE VISTA ARTÍSTICO NÃO SÓ NO BRASIL, MAS NO MUNDO INTEIRO. TIVEMOS A CRIAÇÃO DO ROCK IN RIO, QUE REUNIU ARTISTAS BRASILEIROS COM OS MAIORES NOMES DO ROCK INTERNACIONAL. FOI ÉPOCA DE CAZUZA, BLITZ, IRA, KID ABELHA, ULTRAJE A RIGOR, LEGIÃO URBANA, TITÃS A LISTA É IMENSA, ESSA PARTE ESPECÍFICA DO ROCK BRASILEIRO MERECE ATÉ UM EPISÓDIO A PARTE DO 100, ROCK. FOI A ÉPOCA DE GRANDES BALADAS, ERA A VOZ DO JOVEM REBELDE NAS ONDAS DO RÁDIO E NOS GRANDES CONCERTOS. MAS UMA OUTRA MARCA DESSA ÉPOCA É A CRÍTICA POLÍTICA NAS LETRAS DAS CANÇÕES, O ULTRAJE A RIGOR LANÇOU “INÚTIL” DIZENDO QUE OS BRASILEIROS NÃO SABIAM ESCOLHER

PRESIDENTE, TALVEZ ATÉ CONTINUEM NÃO SABENDO, MAS O CERTO É QUE NA ÉPOCA A MÚSICA VIROU UM HINO DAS DIRETAS JÁ. ATÉ ULYSSES GUIMARÃES CITOUCI A LETRA EM UM DISCURSO NA CÂMARA FEDERAL E PROMETENDO DAR O COMPACTO PARA CARLOS ÁTILA, PORTA-VOZ DO PRESIDENTE JOÃO FIGUEIREDO. PARA RELEMBRAR UM POUCO DO ROCK OITENTISTA AQUI NO 100, ROCK VAMOS CURTIR ULTRAJE A RIGOR COM INUTIL, BIQUINI CAVADÃO COM TIMIDEZ E TITÃS COM HOMEM PRIMATA.

SOBE SOM

ULTRAJE A RIGOR - INUTIL

BIQUINI CAVADÃO - TIMIDEZ

TITÃS - HOMEM PRIMATA

SOBE SOM

ESTAMOS COM 100, ROCK! AQUI NA UNIVERSITÁRIA FM 100,7 E VOCÊ OUVIU ULTRAJE A RIGOR COM INUTIL, BIQUINI CAVADÃO COM TIMIDEZ E TITÃS HOMEM PRIMATA. AGORA DESEMBARCAMOS NA DÉCADA QUE MARCARIA NÃO O FIM DO ROCK AQUI NO PAÍS, MAS UMA DIMINUIÇÃO DO SUCESSO E DA RELEVÂNCIA QUE O GÊNERO TEVE DURANTE ALGUNS ANOS. OUVIMOS DE TUDO ATÉ CHEGAR A DÉCADA DE 1990. O RITMO DANÇANTE DOS ANOS 50, A DÉCADA DE 1960 COM A JOVEM GUARDA E A TROPICÁLIA. TAMBÉM CURTIMOS O SOM DOS ANOS 70 E A EXPLOSÃO MUSICAL DOS ANOS 80. NA DÉCADA DE 1990 O ROCK BRASILEIRO SOFREU COM A CHEGADA DOS RITMOS MAIS CALIENTES SE ASSIM PODEMOS DIZER, PRINCIPALMENTE A LAMBADA FAZIA BASTANTE SUCESSO. E O QUE AS GRAVADORAS GOSTAM MESMO É DE DINHEIRO, COM A BAIXA NAS VENDAS DO ROCK, QUE POR ALGUNS ERA CONSIDERADO MODINHA PASSAGEIRA, AS GRAVADORAS COMEÇARAM A RETIRAR OS INVESTIMENTOS DESSAS BANDAS E DESTINAR A

OUTROS GÊNEROS. MAS NÃO FOI A MORTE COMPLETA DO ROCK AND ROLL NO PAÍS. BANDAS COMO LOS HERMANOS, RAIMUNDOS, SKANK, JOTA QUEST E PATO FU APARECERAM E FIZERAM RELATIVO SUCESSO NO CENÁRIO NACIONAL. ALÉM DISSO TEVE A FEBRE DOS MAMONAS ASSASSINAS QUE ACABARIAM FALECENDO EM UM TRÁGICO ACIDENTE DE AVIÃO EM 1996. COM ESSE ÚLTIMO BLOCO DE CANÇÕES EU ME DISPEÇO DE VOCÊS, ATÉ A SEMANA QUE VEM COM UM TEMA DIFERENTE SOBRE O BOM E VELHO ROCK AND ROLL. FICAMOS AGORA COM SKANK “GAROTA NACIONAL”, JOTA QUEST “ENCONTRAR ALGUÉM”, E A VOZ FOFA DE FERNANDA TAKAI DO PATO FU COM “SOBRE O TEMPO”

SOBE SOM

SKANK – GAROTA NACIONAL

PATO FU – SOBRE O TEMPO

JOTA QUEST – ENCONTRAR ALGUÉM

SOBE SOM

NESSE ÚLTIMO BLOCO DE CANÇÕES VOCÊ OUVIU SKANK COM GAROTA NACIONAL, PATO FU COM SOBRE O TEMPO E JOTA QUEST COM ENCONTRAR ALGUÉM. O 100 VÍRGULA ROCK VAI CHEGANDO AO FIM, MAS NÃO PRECISA FICAR TRISTE PORQUE NA SEMANA QUE VEM ESTAMOS DE VOLTA COM MUITO MAIS ROCK N’ ROLL NA PROGRAMAÇÃO DA UNIVERSITÁRIA 100,7 FM. TCHAU!

VINHETA DE FECHAMENTO E FICHA TÉCNICA